

A DÉCADA DO ESPORTE

VOCÊ ESTÁ PREPARADO? CARLOS ARTHUR NUZMAN, RESPONSÁVEL PELA REALIZAÇÃO DA OLIMPÍADA NO RIO DE JANEIRO EM 2016, ESTÁ PREPARANDO... O QUE VIRÁ. ELE ANALISA SUAS DUAS AGENDAS, CONTA COMO COMEÇAM A SER EXECUTADAS E DISCUTE EXPECTATIVAS



O Brasil já deve muito de sua identidade mundial a um esporte –o futebol de Pelé–, mas isso deve tomar outras proporções na década que se inicia, em que sedaremos os dois principais eventos esportivos do planeta: a Copa do Mundo, em 2014, e a Olimpíada, em 2016. O grande receio, no entanto, é se estaremos preparados para o desafio.

O advogado Carlos Arthur Nuzman, que acumula a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e do Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016, será um dos maiores responsáveis pela estratégia brasileira, do planejamento à execução. Ele gerenciará uma equipe direta, ad hoc, de 5 mil pessoas, incluindo voluntários, e coordenará redes envolvendo de federações esportivas e atletas aos governos das três instâncias (federal, estadual e municipal) e ao setor empresarial privado, sob o olhar atento de uma imprensa crítica. Isso tudo, em cerca de 2 mil dias. É um dos maiores testes de gestão de que se tem notícia, não? E, no mínimo, proporcionará um enorme aprendizado.

Em entrevista exclusiva a **HSM Management**, Nuzman garante o profissionalismo e apresenta suas metas. As do comitê organizador, em sua primeira versão, estão disponíveis no site (rio2016.org.br); as datas e planos de ação estarão detalhados até meados de 2011. As do COB foram recém-anunciadas; o objetivo maior é ficar entre os dez primeiros colocados e três medidas servirão a isso: 1) aumentar o número de medalhas nos esportes em que o Brasil já sobe ao pódio (vôlei, basquete, futebol, atletismo, natação, judô, vela, hipismo); 2) focar, como carro-chefe, um esporte que possa conquistar algo perto de sete pódios, como ocorre com a Austrália na natação; 3) ampliar o

A entrevista é de José Salibi Neto, chief knowledge officer da HSM do Brasil, e Fernando von Oertzen, diretor da Reunion Sports & Marketing, agência de marketing esportivo nacional e internacional.

número de modalidades em que o Brasil suba ao pódio –entre as mais promissoras estão a ginástica e o boxe. A seguir, Nuzman afirma que a transformação do Rio de Janeiro –e do Brasil–, como já aconteceu em outras sedes na história, é o maior objetivo de nossa Olimpíada e conta que o alinhamento da equipe é um de nossos pontos fortes. Mas ele também questiona as métricas de sucesso utilizadas.

Olho para o relógio e parece que cada hora conta. O sr. acredita que o desafio de suas duas agendas –preparar o Rio de Janeiro para sediar a Olimpíada e nossos atletas para brilhar– é factível nesse tempo? Não é maior no Brasil do que foi em outros países?

O desafio é enorme, o tempo curto e a pressão grande. Mas é tudo natural, nada diferente do que houve em qualquer outro país.

“SOU UM DOS MAIORES DEFENSORES DO INVESTIMENTO EM ESPORTES INDIVIDUAIS NO BRASIL, POR CAUSA DO NÚMERO DE MEDALHAS”

Vamos começar pela agenda dos esportes, então. Quando soube, em 2001, que Pequim sediaria a Olimpíada de 2008, a China se programou para conquistar o maior número de medalhas do evento. O sr. entende que o Brasil pode sair do 23º lugar em Pequim para uma posição de algum destaque no quadro de medalhas? Se sim, como?

A China não serve de benchmark para nenhum país. Primeiro, porque tem um sistema político de comando único, que toma decisões e as executa sem questionamentos –e eles investiram US\$ 2 bilhões, o maior recurso que o esporte já teve na história mundial. Além disso, a China já estava entre os top 5 havia muito tempo.

Com relação a nós melhorarmos a classificação, depende de como se analisa isso –pelo número de medalhas de ouro ou pelo total de medalhas. Acredito que evoluiremos no total de medalhas. Entre 1996 e 2008, o Brasil vem

mantendo o mesmo resultado de medalhas, considerando que o número de países que as disputam aumentou em pelo menos 30% com a dissolução da União Soviética em cerca de 15 países. De qualquer forma, nossa ideia é melhorar –e muito– esse quadro.

Há divergência nas métricas...

Sim, é uma discussão velha e longa, dentro do próprio Comitê Olímpico Internacional, inclusive. Por exemplo, é justo que medalhas de esportes coletivos e individuais tenham o mesmo peso no resultado final? Para você ter uma ideia, em medalhas de esportes coletivos apenas, o Brasil ocuparia o terceiro lugar dos Jogos de Pequim.

Outro ponto: ser finalista não seria um critério mais justo do que o das medalhas de ouro em si? O COI dá o diploma de honra aos oito finalistas de cada modalidade.

Para mim, um país ter representantes –que conseguiram os devidos índices para estar ali– em número significativo de modalidades já é um sinal claro de evolução, por exemplo.

O sr. comparou os esportes individuais, que respondem pela maioria das medalhas, com os coletivos. Como está o incentivo a eles no Brasil?

Sou um dos maiores defensores do investimento em esportes individuais no Brasil, por causa do número de medalhas. E venho de esporte coletivo. Temos de amplificar os ídolos que surgem e inspirarão outros. Mas isso é trabalho de gerações.

A revolução verificada no vôlei, que foi liderada pelo sr., poderia ser replicada em outros esportes, até individuais?

Eu acho que já temos uma receita muito boa de sucesso esportivo no Brasil, sim, que foi essa do voleibol; talvez seja

um dos cases mais importantes do esporte mundial. Posso dizer que há muitas confederações brasileiras tentando segui-la, mas cada qual com suas dificuldades e facilidades.

O que fizemos? Em primeiro lugar, não deixamos os atletas do voleibol ir embora para o exterior; fomos pessoalmente buscar o apoio financeiro de empresas e do governo para criar e manter uma infraestrutura que começa com a escolinha. É a ideia de formar quantidade para encontrar qualidade.

Em segundo, padronizamos o sistema de jogo; todos jogam igual no Brasil, do Acre ao Rio Grande do Sul.

Em terceiro, montamos um sistema de trabalho nas divisões de base para que suas comissões técnicas sejam iguais e tenham o mesmo peso que nas seleções adultas, principais. Assim, as divisões de base participam de competições internacionais tanto quanto as principais e têm o mesmo acesso à melhoria da qualidade.

Em quarto lugar, criamos uma equipe olímpica permanente, ou seja, em que os atletas treinam e se integram permanentemente. A mesma lógica se aplica tanto ao esporte individual como ao coletivo. O trabalho de base e com frequência é a chave.

O vôlei tem um centro de treinamento de excelência. Outros esportes dispõem de recursos assim no Brasil?

Não. O Brasil não tem centros nacionais de treinamento para as várias modalidades esportivas, como a China; essa é uma de nossas maiores deficiências... O voleibol tem isso e um sistema de formação de profissionais que trabalham nesse centro, mas os outros esportes, não. O COB criou recentemente o Instituto Olímpico Brasileiro, voltado para a formação de profissionais em diversas áreas. Foi um grande passo.

Quanto o Brasil investe em esportes, relativamente a outros países?

No ciclo 2005-2008, o Brasil investiu US\$ 200 milhões em esportes; a Austrália, mais de US\$ 730 milhões; a Grã-Bretanha, mais de US\$ 1 bilhão;



“NO CICLO 2005-2008, O BRASIL INVESTIU US\$ 200 MILHÕES EM ESPORTES; A AUSTRÁLIA, US\$ 730 MILHÕES; A CHINA, MAIS DE US\$ 2 BILHÕES”

a Alemanha, mais de US\$ 1,9 bilhão; e a China, mais de US\$ 2 bilhões.

Apenas como curiosidade quanto à ordem de grandeza, no pré-sal, o investimento previsto pelo BNDES entre 2010 e 2012 será US\$ 200 bilhões... O setor privado pode aumentar isso?

Sim, os setores público e privado podem juntar forças nos patrocínios estimulados pela Lei de Incentivo ao

Esporte, que permite dedução de até 1% do imposto de renda devido para empresas e de até 6% para pessoas físicas, e por leis estaduais e municipais de benefícios.

Na área de gestão de empresas, Jim Collins fala muito no binômio disciplina-inovação. Essa infraestrutura que o sr. comentou seria o lado “disciplina” do desafio. E o lado inovação?

Sou defensor de novos esportes em Olimpíada. Lutamos para que o vôlei de praia entrasse –eu presidi o conselho mundial do vôlei de praia– e conseguimos. Mas é o Comitê Olímpico Internacional que toma a decisão.

Há resistência do COI? Por que surfe e skate não estão ainda na Olimpíada ao lado do arremesso de martelo?

Foi interessante você citar surfe e skate, porque, nos Jogos do Rio, haverá um parque radical funcionando em paralelo. O COI se declara aberto aos novos esportes, mas eles precisam saber se apresentar e mostrar a qualidade de sua organização, a clareza de suas regras, a disponibilidade de poder seguir as normas e padrões dos Jogos Olímpicos. O vôlei de praia se adaptou às normas do COI, como o controle de doping, a clareza da organização e das regras –coisas que muitos não têm.

Quero mudar o assunto para a agenda da sede olímpica. O que vocês aprenderam com os Jogos Pan-Americanos?

Os Jogos Pan-Americanos foram uma das razões pelas quais o Rio ganhou a sede da Olimpíada. O Comitê Olímpico Internacional os reconhece como os melhores jogos de toda a história da América do Sul. Eles foram feitos em um nível olímpico, não em um nível mais simples. Deixou um legado enorme, que será aproveitado na Olimpíada.

O sr. prevê que a Copa do Mundo de Futebol, que acontecerá dois anos antes, terá algum efeito sobre a Olimpíada?

Copa do Mundo e Olimpíada são eventos diferentes, ligados a organizações distintas, mas têm ações convergentes, no que diz respeito a segurança, acomodação, infraestrutura e todos esses projetos de obras que os governos fazem. Nisso a Olimpíada se beneficiará. Devemos ter em mente que ambos os eventos serão importantíssimos para a construção de uma nova imagem do Brasil no mundo e a solidificação do esporte brasileiro.

Barcelona, que recebeu os Jogos de 1992, é um exemplo bem-sucedido de

cidade-sede que entrou na rota do turismo e se tornou um dos destinos mais visitados do mundo, mas teve uma organização impecável. Conseguiremos isso nos Jogos Rio 2016? Penso nos aeroportos e na segurança...

De fato, Barcelona é tratada como o grande exemplo a seguir, e não sem justiça, mas eu gosto de citar outros exemplos de mudanças mais radicais, como o de Tóquio 1964, que fez uma Olimpíada 19 anos depois de perder uma guerra; Londres 1948, que fez uma Olimpíada três anos depois de ter encerrado a mesma guerra e estar destruída; Seul 1988, 30 anos depois de uma guerra que dividiu o país em dois. Foi muito forte o que

tima está ligado ao esporte, não é? Na decisão da Copa de Futebol de 1958, contra a Suécia, o Brasil tomou gol logo de início, Didi pegou a bola no fundo da rede, caminhou com ela na mão até o meio de campo, acalmou os outros jogadores e promoveu a virada...

Isso mesmo.

É essa sua expectativa no Brasil?

Eu acho que o mais importante é o legado que fica, tanto físico, de instalações, como emocional e social. É essa transformação. Há duas questões na mesa: a organização e a transformação.

Também não tenho a menor dúvida de que a Rio 16 terá uma organiza-

“GOSTO DE EXEMPLOS DE MUDANÇAS MAIS RADICAIS [DO QUE BARCELONA 1992], COMO TÓQUIO 1964, LONDRES 1948 E SEUL 1988”

aconteceu nesses três países, porque os Jogos canalizaram o soerguimento de cidades, de países e também de povos, que voltaram a acreditar em si e tiveram sua autoestima elevada.

Um de nossos mitos de construção de recuperação e de construção de autoes-

ção impecável, incluindo as questões de infraestrutura, construções e segurança, que estão por conta da Autoridade Pública Olímpica (APO), consórcio intergovernamental que envolve os governos federal, estadual e municipal e inclui, por exemplo, os aeroportos, que você citou. Tem de haver uma melhoria

MENSURAÇÃO DE DESEMPENHO DO BRASIL

O Comitê Olímpico Brasileiro considera que, para medir o resultado de um país nos Jogos Olímpicos, não basta levar em conta a quantidade de medalhas conquistadas. A variedade de modalidades em que o país tem representantes também é significativa, porque indica o amplo trabalho que este realiza no esporte como um todo; a chegada a finais, por exemplo, é um indicador a ser computado.

Em Pequim 2008, o Brasil disputou 32 modalidades, recorde do País até aqui. Além disso, os brasileiros disputaram 41 finais, contra 30 em Atenas 2004 e 22 em Sydney 2000. Isso representou aumento de 86% em relação aos Jogos de Sydney e demonstra a evolução do esporte brasileiro nas mais diversas modalidades.

Desde 1995, quando Nuzman assumiu a direção do COB, em apenas quatro edições olímpicas, o total de medalhas foi 52 (11 de ouro, 15 de prata e 26 de bronze). Isso representou aumento proporcional de 22,22% nas medalhas de ouro, 50% nas de prata e 30% nas de bronze em relação ao resultado das 13 edições entre 1920 e 1992, quando o Brasil conquistou 39 medalhas (9 de ouro, 10 de prata e 20 de bronze).

LEGADOS DO PAN, SEGUNDO O COB

• Os Jogos Pan-Americanos de 2007 alavancaram o desempenho esportivo dos atletas brasileiros. O Brasil conquistou um inédito terceiro lugar na classificação geral entre 42 países participantes, à frente do Canadá, com 52 medalhas de ouro (o recorde anterior, em Santo Domingo 2003, era de 29). E, no total de medalhas, superou até Cuba, com 157 medalhas, um marco na história da participação brasileira em Jogos Pan-Americanos – 40 foram de prata e 65 de bronze.

• Eles deixaram uma herança para a Olimpíada no Rio de Janeiro, em instalações como: o Parque Maria Lenk (que servirá ao nado sincronizado e aos saltos ornamentais em 2016), com 10 mil lugares em vez dos 6,5 mil inicialmente previstos; o Estádio Olímpico João Havelange (a ser utilizado no atletismo), com 45 mil lugares em vez dos 10 mil do primeiro projeto; o velódromo (para ciclismo de pista e patinação de velocidade); a Arena do Rio (que receberá as três modalidades de ginástica, artística, rítmica e de trampolim), com 15 mil lugares em vez de 5 mil; o Complexo Esportivo de Deodoro (hipismo, tiro esportivo e hóquei sobre grama); e a Vila Pan-Americana, com 1.480 apartamentos em vez de 640.

dos aeroportos e esperamos que haja. Mas a transformação será a chave.

Vocês já conseguem trabalhar em equipe, com todos na mesma direção?

Estamos na fase de planejamento, etapa fundamental, e com algumas obras começando, especialmente viárias, como a linha 4 do metrô. Eu diria que todos estão já com o dever de casa de corrigir e melhorar seus planos o

mais rápido possível, para que a gente possa receber bem nossos visitantes. Haverá um facilitador depois do fim das eleições.

Respondendo sobre se há espírito de equipe: sim. O alinhamento entre as três esferas de governo foi um dos pontos fortes da candidatura do Brasil.

Houve resistência de parte dos formadores de opinião no Brasil em relação

ao Rio sediar a Olimpíada, por conta dos Jogos Pan-Americanos, aos quais se atribuíram disparidades financeiras. Quería ouvi-lo a esse respeito.

A questão dos Jogos Pan-Americanos é simples: planejamos com um projeto de nível pan-americano e executamos os Jogos com um projeto de nível olímpico, já com a ambição de sermos sede da Olimpíada de 2016. Essa mudança de diretriz não foi contabilizada. O estádio de atletismo, que era inicialmente para 10 mil pessoas, foi feito para 45 mil. A segurança, que gastaria R\$ 20 milhões, acabou tendo orçamento de R\$ 562 milhões. Isso ocorre porque, ainda bem, temos liberdade de expressão no Brasil. Mas posso lhe garantir que temos toda a mensuração e controle de gastos. **M**

HSM Management



SAIBA MAIS SOBRE NUZMAN

Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) desde junho de 1995 e do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos desde 2000, o advogado Carlos Arthur Nuzman começou sua vida esportiva como atleta. Jogou voleibol de 1957 a 1972 e integrou a seleção brasileira entre 1962 e 1968, disputando dois Campeonatos Mundiais (URSS 1962 e Tchecoslováquia 1966) e os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, quando o esporte fez sua estreia olímpica. Destacou-se para o grande público como presidente da Confederação Brasileira de Voleibol de 1975 a 1996, transformando a modalidade em uma referência próxima à do futebol no País: os títulos das seleções masculina e feminina de vôlei se acumulam e um novo esporte, o vôlei de praia, também foi apropriado por atletas brasileiros. Liderou a candidatura da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Pan-Americanos 2007, a qual derrotou a cidade de San Antonio por 30 votos a 21. Foi presidente do Comitê Organizador dos XV Jogos Pan-Americanos Rio 2007, que, embora tenham enfrentado críticas no Brasil, foram definidos pela Organização Desportiva Pan-Americana como “os melhores Jogos Pan-Americanos da história”. Muitos duvidam que o Brasil conquistasse o direito de sediar os Jogos de 2016 sem a atuação decisiva de Nuzman.